

MARCADORES PRAGMÁTICOS EPISTÊMICOS A PARTIR DE *ENTENDER* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DO BRASIL

Mariangela Rios de Oliveira¹

Ana Luiza Costa Boechat²

RESUMO: neste artigo, objetivamos levantar, descrever e fazer uma análise qualitativa dos marcadores pragmáticos epistêmicos (MPE), nos termos de Traugott (2021, 2022), convencionalizados como construção gramatical a partir da base verbal *entender*. A pesquisa foi feita com base em 427 fragmentos coletados em três bancos de dados do português contemporâneo do Brasil – NURC, D&G e rede social X – com base em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como apresentada no Brasil por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022). Os resultados apontam que os MPE pesquisados nos três *corpora* referidos: a) têm como *type* mais produtivo [(en)tendeu(?)]; b) tendem a ocupar precipuamente a posição final, subsequente à declaração que escopam; c) são mais produtivos na instanciação de sequências tipológicas argumentativas, numa tendência coerente com a função pragmática epistêmica que assumem.

PALAVRAS-CHAVE: marcador pragmático epistêmico; verbo *entender*; português brasileiro; Funcionalismo; construção gramatical.

Introdução

Neste artigo, levantamos, descrevemos e analisamos um grupo específico de marcadores pragmáticos (doravante MP), nos

1 Professora Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF).

2 Mestranda na Universidade Federal Fluminense (UFF).

termos de Traugott (2021, 2022), constituído por construções convencionalizadas em torno da base verbal epistêmica *entender*, conforme classificação de Scheibman (2000). Trata-se de construções gramaticais (Goldberg 1995, 2006), ou seja, de pareamentos convencionalizados de forma e conteúdo procedural do tipo [(en)tendeu(?)]³, [(en)tende(?)], [tá entendendo] e [entendeste(?)], que, atuando no nível pragmático-discursivo, são responsáveis pela veiculação de sentidos ligados ao conhecimento, à crença ou à avaliação do que é negociado pelos interlocutores no ato interativo, na função de marcadores pragmáticos epistêmicos (doravante MPE).

Partimos da hipótese de que tais construções são produtivas no português contemporâneo do Brasil, notadamente em contextos menos monitorados e mais informais, na articulação de inferências que convidam ao partilhamento de determinados consensos, tal como defendido por Traugott e Dasher (2002). Assumimos também que as construções MPE pesquisadas têm produtividade diversa em termos formais e funcionais, tendendo a se situar após a declaração que escopam, instanciadas em sequências de viés opinativo, uma vez que visam à confirmação do que é declarado pelo locutor.

Estamos nos referindo a constituintes instanciados como *construtos*⁴ como os destacados nos fragmentos a seguir:

- (1) as cores são... padrão... é: verde... tons terras... o padrão é tons terras... então é... castor... um tom de... caramelo... castor... bege... tudo assim... o piso... os estofados... **entende?** tudo nesse tipo assim... nada de: preto...

3 Conforme a codificação construcional, apresentamos os MPE entre colchetes, na ratificação do pareamento forma x função que caracteriza esse tipo de anotação, e usamos os parênteses na referência a componentes opcionais no pareamento.

4 Termo adotado para as efetivas instâncias de uso de uma construção.

branco só a parede... mas agora pra um tom de gelo... tudo bem cores assim suaves... [...] (D&G⁵).

- (2) E aí eu vou dar os meus palpites na planta. Eu gostaria demais, por exemplo, se eu fizesse uma casa pra mim, eu queria uma casa que tivesse um jardim interno. É o ideal de casa que eu sonho, ainda vou fazer pra mim em Petrópolis, vai ser uma casa que tenha um jardim interno e então todos os quartos e as, as salas todas, eh, terão portas pra esse jardim. E na frente um jardim muito pequenininho. Mas a minha casa será feita em volta de um jardim, **entendeu?** Faço o jardim e a casa vai ser em volta. Essa é a casa que ainda vou construir pra mim (NURC⁶).

Nos dados (1) e (2), observamos que os elementos em destaque são instâncias das construções [(en)tende(?)] e [(en)tendeu(?)]. Constatamos que tais elementos exibem invariabilidade estrutural, visto que funcionam como expressões fixas, têm independência sintática, apresentam especificidade prosódica, encontrando-se margeados por pausa, que, no texto escrito ou transcrito, se manifesta por sinais de pontuação, como ponto (final, exclamativo, interrogativo), vírgula, reticências. Esses elementos atuam no relacionamento de um enunciado à situação do discurso em ambos os fragmentos, na busca de adesão por parte do interlocutor ao que é veiculado pelo locutor: em (1), a consulta a uma paleta de cores; em (2), o projeto da casa perfeita para o locutor.

Em nossa análise, adotamos os fundamentos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), tal como apresentada em Rosário (2022), Rosário e Oliveira (2016) e em nível internacional em Traugott e Trousdale (2013). A LFCU alia aos pressupostos clássicos do Funcionalismo de vertente norte-americana a abordagem construcional da gramática, conforme Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). Em termos metodológicos, investigamos bancos de dados do português contemporâneo

5 Banco de dados disponível em <https://deg.uff.br/corpus-dg/>

6 Banco de dados disponível em <https://nurcrj.letras.ufrj.br/>

disponíveis em meio eletrônico, adotando o método misto (Lacerda, 2016), na compatibilização da análise sob viés qualitativo e quantitativo.

Além desta seção inicial de introdução, o artigo se desdobra em mais quatro seções. Na primeira, apresentamos a classe dos MP, com foco no subgrupo funcional epistêmico, conforme proposto por Traugott (2021, 2022). A segunda seção é dedicada à exposição da base teórica da LFCU e da metodologia que sustenta nossa pesquisa. Na sequência, procedemos à análise de dados com base nos fatores selecionados. Por fim, tecemos nossas considerações finais, no destaque de nossos objetos de pesquisa como padrões construcionais voltados para a marcação pragmático-epistêmica do português contemporâneo do Brasil e fazemos menção a desdobramentos da investigação nessa linha.

Objetos de pesquisa

O conjunto de dados sob investigação pertence à classe dos MP, uma categoria “guarda-chuva”, assim qualificada por Traugott (2021, 2022), por ser ampla e diversa em termos formais, cujo papel é **orientar ou monitorar a interpretação do discurso entre os interlocutores. Segundo a autora, trata-se de um grupo de constituintes** multifuncionais, (inter)subjativos e demarcados prosodicamente, detentor de relativa mobilidade, estrutura mais enxuta, no formato de uma ou duas subpartes, com função procedural, desprovida de valor de verdade e com atuação fora do eixo sintático estrito.

De acordo com Kaltenböck, Heine e Kuteva (2011), os MP integram o plano *tético* da língua, ou seja, têm atuação fora do nível sintático, sem constituir parte da gramática sentencial. Assim, os téticos incluem elementos do nível pragmático-discursivo, como operadores textuais, vocativos, apostos, parênteses e os MP. Conforme os autores, os usos linguísticos distribuem-se

em constituintes da gramática sentencial e da gramática tética, ambas responsáveis pelas formas de dizer das comunidades linguísticas.

Traugott (2021, 2022) distribui os MP em três subfunções: a) as sociais (MPS), responsáveis pelo estabelecimento de contato interativo, como saudações ou convites, como [bem], [bora], [vem cá] etc.; b) as epistêmicas (MPE), que moderam o valor de verdade do que é veiculado, como [tá entendendo?], [sei lá], [sabe?] etc.; c) as estruturantes do discurso (MPED), mediadoras de relações entre o que se declara inicialmente (D1) e posteriormente (D2), como [a propósito], [com isso], [portanto] etc.

Na descrição do português contemporâneo do Brasil, no contexto do Projeto NURC⁷, Risso, Silva e Urbano (2015, p. 453) classificam os MPE aqui pesquisados como marcadores discursivos do tipo *basicamente interacional*. Segundo os autores, trata-se de constituintes que atuam fundamentalmente como “orientadores da interação”, distribuídos em oito subgrupos, um dos quais integrado pelos MPE sob nossa análise. Na caracterização desses constituintes, são destacadas três propriedades: desbotamento semântico da base verbal, com abstratização do sentido mais pleno de *entender*, demarcação prosódica, acompanhada de desvinculação da sintaxe oracional, e erosão estrutural, com formas de até três sílabas em sua grande maioria. Para Risso, Silva e Urbano (2015, p. 467), esses MPE, além da fonte verbal partilhada, têm em comum uma função fática de natureza interrogativa, como podemos constatar nos exemplos (1) e (2) já apresentados.

Oliveira (2025), no quadro a seguir, sintetiza para o português, a título de ilustração, a proposta de classificação tripartite elaborada por Traugott (2021, 2022) para o inglês:

7 Projeto Norma Urbana Culta, cuja caracterização está disponível em: urc.fflch.usp.br/o-nurc-brasil-origens. Acesso em: 20 abr. 2026.

Quadro 1 – Taxonomia dos MP do português



Fonte: Oliveira, 2025, p. 25.

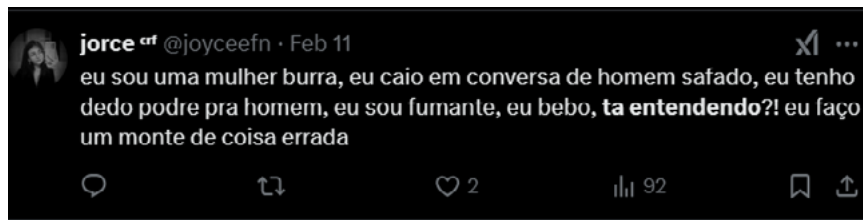
No Quadro 1, o grupo que nos interessa é aquele em posição intermediária, indicador da subclasse dos MPE e formado pela base verbal *entender*, na combinação de duas funções: conexão de porções discursivas e orientação ou moderação da posição epistêmica dos interlocutores. Na pesquisa que empreendemos em dicionários impressos e eletrônicos do português (Caldas Aulete, 2014; Cunha, 1986; Michaelis⁸ e Priberam⁹), a acepção de *entender* como *compreender* e *perceber* foi a mais frequente, além de outras mais esporádicas, como *ter experiência*, *inferir*, *deduzir*, *concluir*, *interpretar*, *crer* e *ouvir*. Tais acepções ratificam o traço cognitivo de *entender*, como atestado por Scheibman (2000), no destaque de uma característica que concorre precipuamente para a convencionalização dos MPE aqui pesquisados, como ilustramos a seguir:

- (3) Que que eu tinha nesse apartamento pequeno? Eu tinha só os livros no chão, empilhados, uma cama Dragoflex, daquela de abrir e fechar. Uma muda de roupa de cama, ah, um cabo... um armário, **está entendendo**, uma vassoura, um fogão e uma geladeira pequeninha que eu aluguei. Só. Ah, uma vitrola, uma vitrola Philips. Só isso (NURC).

8 Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>

9 Disponível em <https://dicionario.priberam.org/>

(4) Figura 1 – Dado de uso 1



Fonte: Jorce crf (@joyceen), 11 fev. 2025.

Em (3), o informante do NURC responde à pergunta do documentador acerca do que havia em seu pequeno apartamento; para tanto, o locutor vai enumerando itens desse espaço e, em meio à listagem, instancia o MPE [está entendendo] como artifício de confirmação da orientação descritiva que faz a seu entrevistador, na demonstração de que se trata de um ambiente simples e despojado.

Já em (4), num dado extraído da rede social X, a internauta também elabora uma sequência descritiva, agora voltada para seu estado interior, num depoimento marcado pela autoavaliação de seu perfil feminino. O tom reiterativo da primeira pessoa do singular (*eu sou, eu caio, eu bebo, eu faço*), acompanhado de traços de uma certa fraqueza emocional, é ratificado pelo construto *tá entendendo?* seguido também por ponto de exclamação, como se pedisse confirmação ao interlocutor do que diz acerca de si mesma.

Fundamentos teórico-metodológicos

A base teórica que sustenta nossa análise tem seus fundamentos na LFCU, como apresentada no Brasil por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022). De acordo com essa perspectiva, os usos linguísticos são motivados, ao menos, por três tipos de pressão, conforme

postulam Martelotta e Alonso (2012): 1) as estruturais, relativas aos padrões convencionalizados da gramática; 2) as cognitivas, atinentes aos processos de domínio geral (Bybee, 2010) que impactam a linguagem, como categorização, *chunking* e analogização; 3) as pragmático-discursivas, referentes aos fatores que moldam a cena comunicativa em termos extralinguísticos (espaço, tempo, perfil dos usuários etc.) e intralinguísticos (gênero discursivo, sequência tipológica, modalidade, formalidade etc.).

Em conformidade com a perspectiva construcional assumida pela LFCU, a língua é considerada como *constructicon*, ou seja, como rede ou inventário estruturado, hierarquizado e inter-relacionado de construções. Essas, por sua vez, são definidas como pares vinculados de forma e conteúdo, em níveis de composicionalidade gradientes, como ilustrado na Figura 2:

Figura 2 – Representação da construção

$$[[\text{Forma}]] \leftrightarrow [[\text{Conteúdo}]]$$

Fonte: Traugott e Trousdale, 2013, p. 8.

Na codificação proposta por Traugott e Trousdale (2013), como podemos observar, a seta bidirecional indica a vinculação simbólica entre o formato e o conteúdo da construção, enquanto os colchetes sinalizam que se trata de um pareamento convencionalizado basicamente via frequência de uso na comunidade linguística. Nesse sentido, com base na proposta de Bybee (2003), os MPE aqui pesquisados são tomados como construções, como *types* do português, enquanto as instâncias de uso efetivo são tratadas como construtos, como *tokens* empiricamente atestados nas interações.

Com base nos fatores e dimensões construcionais propostos por Traugott e Trousdale (2013), podemos classificar as construções MPE aqui pesquisadas. Assim, em relação aos fatores, assumimos que se trata de microconstruções, em outros termos, de

types totalmente especificados em suas subpartes, providos de baixa composicionalidade, uma vez que há abstratização do verbo cognitivo *entender*, e de produtividade condicionada a fatores de ordem pragmático-discursiva, como registro, modalidade, sequência tipológica e gênero discursivo, por exemplo. Em relação à dimensão, assumimos as construções MPE como pareamentos gramaticais ou procedurais, de pequeno formato, podendo ser constituídas de uma só parte, como [(en)tende(?)], ou de duas subpartes, como [tá entendendo?].

Com base em Diewald (2020), assumimos nossos objetos de pesquisa como membros da *hiperconstrução* MP do português. De acordo com a autora, consideramos que os MP integram um “conjunto formado por membros que partilham uma função maior comum e que, de outra parte, apresentam traços funcionais específicos, uma vez que são componentes particulares desse conjunto” (Oliveira, 2025, p. 21). A partir de tal proposta, Diewald (2020) incorpora e destaca a concepção paradigmática na descrição e na análise construcional, preenchendo uma aparente lacuna nesse campo investigativo.

Em termos metodológicos, investigamos contextos de uso linguístico efetivo na sincronia atual do português do Brasil, em consonância com o viés empirista da LFCU. Levantamos um total de 427 dados em três *corpora* do português contemporâneo. Do conjunto de membros da hiperconstrução MP do português, elegemos para pesquisa três microconstruções MPE, por conta da produtividade maior em que são instanciadas: [(en)tendeu(?)], [(en)tende(?)] e [tá entendendo?]. Registramos ainda uma instancição de [entendeste(?)], usada no Corpus D&G da cidade gaúcha do Rio Grande. Os elementos entre parênteses representam opcionalidade de instancição, configurando possível caso de erosão formal, na aférese da sílaba inicial de *entendeu/entende* ou ainda a possibilidade de prosódia interrogativa na parte final da construção.

O primeiro *corpus* pertence ao Projeto Norma Urbana Culta (NURC) da cidade do Rio de Janeiro, que diz respeito a um acervo de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX. A pesquisa utiliza as seguintes amostras: D2 (diálogo entre dois informantes), DID (diálogo entre informante e documentador) e EF (elocução formal de aulas, conferências, palestras etc.). Os 86 dados gerais levantados do NURC se encontram assim distribuídos: a) em relação aos inquéritos D2, foram pesquisadas oito entrevistas, com coleta de 66 dados de instâncias dos MPE pesquisados; b) dos inquéritos DID, selecionamos oito para pesquisa, com levantamento de 13 dados; c) dos inquéritos EF, entre os seis pesquisados, registramos a instância de sete MPE.

O segundo banco de dados investigado é *Corpus Discurso & Gramática* (D&G), constituído por textos orais e escritos da comunidade estudantil das cidades de Juiz de Fora, Natal, Niterói, Rio de Janeiro e Rio Grande. Essa característica é relevante para nossa pesquisa, devido à maior produtividade de MPE aí encontrada. Nesse *corpus* levantamos 260 dados, o que corresponde a mais da metade de todos os dados coletados.

O terceiro *corpus* é o X¹⁰ (antigo Twitter), uma rede social que funciona como um *microblog*. Nela, os usuários partilham *posts* pessoais por meio de textos de até 280 caracteres. Esses *posts* (também chamados *tweets*) podem incluir linguagem verbal e não verbal ou somente uma delas; para nossa análise, levamos em conta todo o *post* publicado, já que a postagem do usuário pode fazer referência a uma declaração divulgada em outro *tweet*. A decisão por essa rede social levou em conta que “as manifestações de pensamentos, sentimentos, ideias e opiniões se dão de modo mais espontâneo, a linguagem menos monitorada confere maior informalidade à interação [...]” (Fonseca, 2023, p. 84). No X, foram levantadas 81 instâncias dos MPE, todas publicadas no ano de 2025.

10 Disponível em <https://x.com/?lang=pt>

Cabe mencionar que a seleção dos três bancos de dados teve como objetivo reunir instanciações da construção pesquisada em contextos discursivos distintos do português contemporâneo, cobrindo as décadas finais do século XX, com o NURC e o D&G, e o século XXI, com o X. Assim, fomos levados pelo interesse em captar instanciações mais comuns e, de outra parte, mais específicas dos MPE pesquisados em termos de seus contextos de uso.

Acerca dos procedimentos analíticos, realizamos uma investigação mista, de acordo com a proposta de Lacerda (2016), em consonância com os pressupostos da LFCU. Conforme a autora, a pesquisa funcionalista deve assumir dois vieses complementares: por um lado, proceder a uma abordagem qualitativa, com foco nos contextos de uso linguístico e na interpretabilidade de suas propriedades pragmático-discursivas; de outra parte, deve levar em conta critérios quantitativos, com destaque para o nível de produtividade dos referidos usos e do que os índices de frequência *type* e *token* podem indicar em termos da variabilidade e da mudança linguísticas.

Para a análise mista, apresentada na seção seguinte, consideramos: a) o tipo de *corpus* de instanciação e a produtividade das construções MPE pesquisadas (D&G, NURC ou X); b) a ordenação dessas instanciações em relação ao que é declarado (inicial, medial ou final); c) a sequência tipológica da instanciação (argumentativa, descritiva, narrativa, expositiva ou injuntiva), conforme Marcuschi (2001).

Os MPE no PB contemporâneo

Nesta seção, voltamo-nos para os 427 dados sob análise, na detecção de padrões de instanciação dos MPE sob viés quantitativo e qualitativo. Assim, partimos da investigação da produtividade e da interpretação contextual desses dados em termos dos três *corpora* utilizados e, a seguir, observamos a ordenação dos MPE,

considerando, por fim, a sequência tipológica em que os referidos dados ocorrem.

Inicialmente, observamos a frequência com que os quatro padrões construcionais são instanciados, conforme demonstrado na Tabela 1:

Tabela 1 – Tipo e produtividade dos MPE

FREQUÊNCIA DO MD	NURC	D&G	X	TOTAL
[(en)tendeu(?)]	48	254	58	360
[(en)tende(?)]	25	2	15	42
[tá entendendo(?)]	13	3	8	24
[entendeste(?)]	0	1	0	1

Fonte: elaboração própria.

Como podemos constatar, o MPE [(en)tendeu(?)] é consideravelmente o mais produtivo nos dados, com registro de 360 instâncias¹¹ entre as 427 levantadas no total. Nos três *corpora*, sua frequência é a maior, com significativa ocorrência no D&G, possivelmente por ser formado por depoimentos de comunidade estudantil, das séries iniciais de ensino até o nível superior, integrado por depoimentos falados e escritos, o que confere maior informalidade e menor monitoramento a esses textos. Interpretamos a produtividade significativa de [(en)tendeu(?)] à sua feição interativa, usado na orientação confirmativa epistêmica no tempo pretérito, visando à adesão do interlocutor, ilustrada no fragmento a seguir, extraído de uma sequência de opinião falada do D&G/RJ:

- (5) apesar dele ser assim meio malucão:.... eu achava que era aquilo era mais do meio onde é que ele... estava vivendo... **entendeu?** porque ele estava convivendo

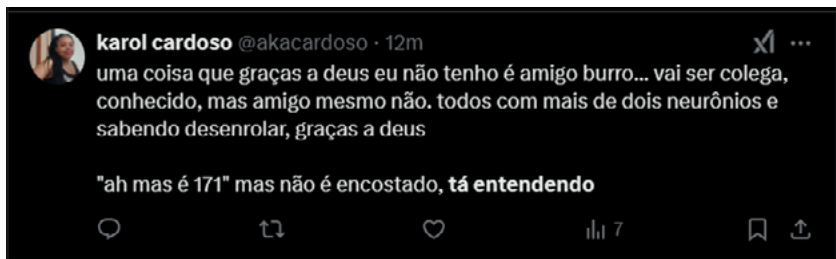
11 Dos 360 dados, 26 são instanciados com erosão da parte inicial, no formato *tendeu?*

com pessoas assim que não... que não prestavam...
(D&G).

Em (5), o locutor comenta acerca de um colega e da vida meio marginal que este levava, atribuindo seu comportamento às pessoas com que “estava vivendo”. Para tanto, instancia [entendeu?] no convite a que seu interlocutor concorde acerca da má influência que o referido colega recebia de seu meio social.

Com relação aos demais MPE, a Tabela 1 aponta que [tá entendendo(?)] registra 24 dados, enquanto [(en)tende(?)] tem 42 instâncias. A tabela também aponta que foi levantado apenas um caso de instanciação de [entendeste(?)], no D&G da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Ilustramos esses usos nos fragmentos a seguir:

(6) Figura 3 – Dado de uso 2



Fonte: Karol Cardoso (@akacardoso), 30 mar. 2025.

- (7) Ipanema tem um clima... em termo... você disse que () que as pessoas são todas iguais né... uma que não são... mas Ipanema tem um clima... que predispõe sabe... que dá possibilidade à pessoa de se abrir muito mais **entende**... você pode sair vestida de palhaço de lá... que ninguém vai olhar pra você... (NURC).
- (8) cada um com sua opinião... e... comprovei que ele faz isso... como mesmo pra um desafio... pro aluno ir e provar pra ele... “olha... eu venci... **entendeste?**” então... é uma coisa assim... (D&G).

Os fragmentos de (6) a (8) ilustram as demais construções MPE levantadas nos *corpora*. Destacamos o construto *entendeste?*, apresentado em (8), o único construto com essa configuração formal entre os 427 com que trabalhamos. Atribuímos essa ocorrência ao uso regular do pronome *tu*, segunda pessoa do singular, na variedade do português da região Sul do Brasil.

Quanto à ordenação dos dados sob análise, constatamos que a posição final após a declaração escopada é a preferencial, conforme demonstra a Tabela 2:

Tabela 2 – Ordenação dos MPE

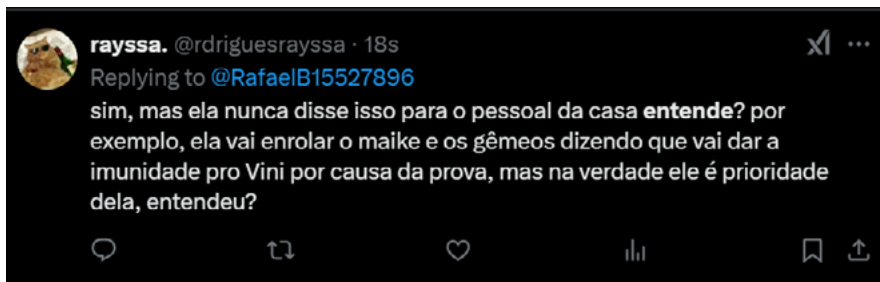
ORDENAÇÃO DO MD	NURC	D&G	X	TOTAL
Inicial	3	3	1	7
Medial	37	63	10	110
Final	46	194	70	310

Fonte: elaboração própria.

Tal como verificamos em relação à produtividade, no caso da ordenação, a tendência é a mesma nos três *corpora*: em 427 dados levantados, a posição final do MPE foi atestada em 310 ocasiões. Consideramos que essa maior frequência tem a ver com a regularidade com que a confirmação epistêmica ocorre após o que é declarado, motivada iconicamente, como em:

- (9) Agora ficar dentro de casa pelo simples fato de ficar dentro de casa, isto eu tenho todo dia. Então, eu vou procurar coisas que não tenha todo dia pra não ficar dentro de casa ou não, pra que eu possa fazer outras coisas, **entende?** (NURC)

(10) Figura 4 – Dado de uso 3



Fonte: Rayssa (@ordiguesrayssa), 14 fev. 2025.

Nos fragmentos (9) e (10), os construtos *entende?* e *entendeu?* se situam após declarações nas quais os locutores expressam sua opinião. Em (9), trata-se de um depoimento muito pessoal, no qual o informante comenta sobre sua situação atual, em que procura fugir da rotina, experimentar novidades e, assim, manter a vida ativa e significativa. Já em (10), numa postagem do X, a internauta veicula sua apreciação acerca do comportamento dos participantes de um *reality show* e, para tanto, usa no mesmo *post entende?* e *entendeu?*, convidando os demais internautas a partilharem sua opinião.

A segunda ordenação mais produtiva é a medial, com cerca de um terço das ocorrências registradas em posição final. Em somente sete dados, dos 427 sob análise, foi verificada a posição inicial.

O terceiro fator investigado é o tipo de sequência tipológica em que o MPE se instancia. Os resultados gerais se encontram na Tabela 3:

Tabela 3 – Sequência tipológica dos MPE

SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	NURC	D&G	X	TOTAL
Argumentativa	38	93	45	176
Descritiva	22	65	4	91
Narrativa	6	80	3	89
Expositiva	20	18	24	62
Injuntiva	0	4	5	9

Fonte: elaboração própria.

Tal como constatamos nos demais fatores sob análise, a Tabela 3, nos três *corpora*, aponta a mesma tendência de uso, neste caso, com prevalência de sequências argumentativas na instanciamento dos MPE pesquisados. Conforme Marcuschi (2001), esse tipo de organização textual é marcado por defesa, sustentação ou refutação de um ponto de vista. Segundo o autor, constituintes modalizadores epistêmicos são recrutados para esse formato de articulação discursiva, o que justifica, portanto, ser a argumentação o *locus* preferencial da instanciamento dos MPE pesquisados; trata-se de 176 dados entre os 427 sob análise, como em:

- (11) veja bem... nós falamos aqui a Central... até tem... tem até versos e: samba na Central... mas se NÓS procurarmos também nos jornais... e vimos os acidentes na Europa... de trem... violentíssimos... e quando há mesmo não escapa NEM a alma nem a família do que estava dentro do trem... os que estavam fora nenhum escapa... porque a coisa é séria quando bate lá devido à velocidade... **entendeu?** (NURC).

(12) Figura 5 – Dado de uso 4



Fonte: Cláudia Valéria (@LorozaClaudia), 20 fev. 2025.

Nos dados (11) e (12), os MPE [entendeu?] e [entende?] são instanciados, respectivamente, na defesa do ponto de vista dos locutores, em posição final de sequências argumentativas. No fragmento (11), trazemos o comentário avaliativo de um informante acerca do perigo de acidentes ferroviários e da tragédia que tendem a causar. Para isso, ele compara a Central do Brasil, importante estação férrea do Rio de Janeiro, inclusive cantada em versos, com a periculosidade e a violência dos acidentes ferroviários, principalmente na Europa. Em (12), num *post* que responde a outro internauta, a informante rebate aquele com a declaração inicial “sua avaliação é incorreta”, para, a seguir, apresentar seu ponto de vista acerca da direita no Brasil, particularmente, no que concerne ao MBL¹².

Quanto às demais sequências, os *corpora* tendem a apresentar maior variabilidade. Assim, conforme a Tabela 3, trechos descritivos e narrativos ocupam respectivamente a segunda e a terceira posição, seguidos pelos expositivos e injuntivos, estes com frequência baixa, totalizando somente nove dados.

12 Sigla do *Movimento Brasil Livre*, grupo político de orientação liberal e conservadora, fundado em 2014.

Considerações finais

Nossa pesquisa partiu do levantamento das construções MPE [(en)tendeu(?)], [(en)tende(?)], [tá entendendo] e [entendeste(?)] em três bancos de dados do português contemporâneo do Brasil (NURC, D&G e X). A investigação tomou como base pressupostos da LFCU e adotou metodologia qualiquantitativa, na demonstração de tendências de instanciação das construções pesquisadas.

A primeira dessas tendências é a acentuada produtividade de [(en)tendeu(?)] nos três *corpora* investigados, totalizando mais de 80% dos 427 dados sob análise. Outro padrão verificado nessas três fontes é a ordenação final dos MPE, encerrando o que é declarado, o que consideramos um tipo de ordenação iconicamente motivada, uma vez que a confirmação epistêmica direcionada ao interlocutor é situada após o comentário do locutor, como conteúdo a ser confirmado. Por fim, constatamos que sequências tipológicas argumentativas são o ambiente textual preferido para a instanciação de nossos objetos de pesquisa, o que vai ao encontro da natureza pragmático-discursiva dessas sequências, fundada na orientação ao convencimento de crenças, atitudes ou pontos de vista. De outra parte, em termos das demais sequências tipológicas, houve maior diversidade de frequência nos três *corpora*.

Os resultados aqui apresentados suscitam a continuidade de nossa pesquisa em distintas frentes. Uma delas é a incorporação de novas fontes de dados de uso linguístico, dada a diversidade de gêneros discursivos em circulação na contemporaneidade, inclusive os digitais. Outra frente é a investigação histórica com foco em sincronias pretéritas do português, na detecção de possíveis micropassos de mudança que motivaram a convencionalização dos atuais MPE da língua. Uma terceira via de pesquisa é a ampliação dos MPE sob análise, incorporando padrões construcionais derivados de outras bases verbais cognitivas, como *saber* e *pensar*, por exemplo.

Pragmatic epistemic markers based on *entender* in contemporary Brazilian Portuguese

ABSTRACT: In this article, we aim to identify, describe, and conduct a qualitative and quantitative analysis of epistemic pragmatic markers (EPM), as defined by Traugott (2021, 2022), conventionalized as a grammatical construction derived from the verbal base *entender* ‘to understand’. The study is based on 427 data points collected from three corpora of contemporary Brazilian Portuguese – NURC, D&G and the social network X—and is grounded in the assumptions of Usage-Based Linguistics, as presented in Brazil by Rosário (2022), Rosário and Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo, and Silva (2013). The results indicate that the EPM investigated across the three corpora: (a) have [(en)tendeu(?)] as the most productive type; (b) tend to occur predominantly in clause-final position, following the statement over which they take scope; and (c) are more productive in the instantiation of argumentative typological sequences, a trend consistent with the epistemic pragmatic function they assume.

KEYWORDS: pragmatic epistemic marker; verb to understand (*entender*); Brazilian Portuguese; Functionalism; grammatical construction.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (ed.). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALDAS AULETE. *Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIEWALD, Gabriele. Paradigms lost – paradigms regained: Paradigms as hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena. (ed.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins (CAL 27), 2020. p. 277-315.
- FONSECA, Monique Borges Ramos. *Chega aí e vem cá: uma análise contrastiva e funcional centrada no uso*. 2023. 168 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-40.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KALTENBÖCK, Gunther; HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. On thematic grammar. *Studies in Language*, v. 35, n. 4, p. 852-897, 2011.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral Cunha. *O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas*. Revista *Linguística*, v. esp., p. 83-10, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 19-36.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, Cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Marcadores pragmáticos no Funcionalismo: da abordagem clássica à construcional. *A cor das letras*, v. 26, n. especial, p. 11-30, 2025.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-482.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

SCHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity. In: Bybee, Joan; Hopper, Paul (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 1, p.1-25, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Lancaster: John Benjamins Publishing Company, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.